

JOSÉ RÉGIO

**SONHO
DUMA VÉSPERA DE EXAME**



PUBLICAÇÕES DA CASA DE JOSÉ RÉGIO
EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA DO CONDE

821.134.3
RÉG. J

José Régio

SONHO
DUMA VÉSPERA DE EXAME

FANTASIA EM UM ACTO

PUBLICAÇÕES DA CASA DE JOSÉ RÉGIO
EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA DO CONDE

INTRODUÇÃO AO

«SONHO DUMA VÉSPERA DE EXAME»

De há muito tenho defendido a necessidade de se revelar, estudar e divulgar a «face oculta» da obra de autores consagrados, seja ela consequência de puro esquecimento ou atraso na divulgação, de abandono da criação, ou mesmo, em certos casos, de repúdio e insatisfação do próprio autor. Mesmo incompletos, imaturos ou de menor qualidade, os inéditos devem ser conhecidos: em nada roubam a glória da restante obra: e projectam sobre ela uma luz crítica, por vezes extremamente reveladora e explicativa. Isto, além de se encontrarem, nos inéditos, momentos altos de pura criação.

Em 1987, publiquei alguns comentários ao material inédito do teatro de José Régio (!): O Sonho duma Véspera de Exame, escrita em 1935, representada no ano seguinte por alunos do Liceu de Portalegre e posteriormente reposta, mas só agora publicada; e as 34 páginas manuscritas de «Sou um Homem Moral», cujo «primeiro rascunho, começado em 24/6/1940» segundo

SONHO DUMA VÉSPERA DE EXAME

(A cena representa uma sala de estar ou quarto de trabalho. Cenário modesto, mas de bom gosto. Poucos móveis, e portáteis: Excepto a mesa, é preciso que desapareçam rapidamente à primeira transmutação de cena. A mesa está à direita do público, posta um pouco de través, coberta por um pano que desce quasi até ao chão. X está sentado a esta mesa, de frente para o público, e estuda. Aparenta 11 anos.)

LUIZ

(entra pela esquerda. É um rapaz dos seus desasseis anos. Veste capa e batina.)

Olá, X! Então? como vamos nós de cólicas?

X (JOÃO)

(levanta-se, espreguiça-se ligeiramente)

Eh...! Já me doem as pernas de estudar!

LUIZ

Era mais natural que te doesse a cabeça.

X

A cabeça, também. Mas as pernas..., é de estar tanto tempo sentado! Tenho estudado todo o dia. (*Silêncio breve*), Luiz, o teu nome escreve-se com um s, ou com um z?

LUIZ

É conforme. De tempos a tempos, varia. Actualmente, escreve-se com z.

X

Com z, não leva acento, pois não?

LUIZ

Não. Mas a que propósito?...

X

É por causa dum trecho que vem no livro. Fala dum soldado que se chamava Luiz de Camões, e era zaro-

lho. Nadava tão bem que atravessou o mar com um livro na mão..., e uma coroa na cabeça...

LUIZ

Não digas tolices, X. Quando te expliquei êsse trecho, disse-te que Luiz de Camões era o maior poeta português. Até te contei algumas cousas do livro que êle escreveu, e que é dos maiores do mundo...

X

Ena...! o que há de ter de fôlhas! E olha que nadar com êsse pêso na mão...!

LUIZ

(severamente)

Menino João Manuel Malafaia de Bastos! continua a dizer idiotices?

X

Quê?... disse mal?

LUIZ

(com solenidade)

Os *Lusíadas* são uma das maiores epopeias da humanidade; mas não é por causa do número de páginas! E o menino, se continua a dizer das suas, merece fazer amanhã um péssimo exame e ficar reprovado...

X

Sim..., os *Lusíadas*! O livro também fala nisso. Até veem lá uns versos da primeira parte, que são muito esquisitos... Mas a mim, o que me dana, é nunca saber escrever o nome dêsse senhor poeta das epopeias da humanidade... (*silêncio breve*) já tenho pensado algumas vezes... Porque é que se inventou a ortografia?

LUIZ

A ortografia?! porque se inventou a ortografia?! É boa! Porque se inventou a ortografia! Devia de ser bonito, se cada um escrevesse como lhe apetecesse...!

X

Ao menos, não se podia ter inventado uma ortografia sem acentos? Os acentos é que estragam tudo! Um

curva-se maternalmente, e acompanhada por violino e piano em surdina canta a meia voz, como quem adormece)

CIÊNCIA

(cantando a meia voz)

Há uma fada (quem dera
Tal fada saber pintar!)
Que sabe (quem n-as soubera!)
Cousas que são de pasmar.
Quem saber tanto pudera
Quanto ela pode ensinar
Aos altos céus ascendera,
Descera ao fundo do mar...
(cala-se)

(O violino e o piano suspendem-se também, fazem um breve silêncio, depois retomam, sempre em surdina, a marcha de há momentos. Meninas e rapazes começam recuando lentamente, e cantando pianíssimo a quadra com que entraram. Vão saindo sem voltar as costas ao público, e olhando todos para João adormecido. Luiz e a Ciência afastam-se também. O pano começa a descer muito devagar)

Execução gráfica:
Tipografia MINERVA
Alberto Santos & Filhos, Lda.
Rua da Lapa, 23/25
Vila do Conde

Depósito Legal n.º 32722/79

Novembro de 1989